



SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Elizabeth Madureira Siqueira

Escolhi o Historiador Sérgio Buarque de Holanda como meu Patrono no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso não por snobismo ou mero caráter provinciano, na medida em que somos, ambos, paulistas, mas, sobretudo porque ele representou, na dilatada e expressiva historiografia brasileira, um dos poucos elementos que privilegiou o estudo histórico da sociedade brasileira entendida como plural, onde a alteridade constitui marca indelével. Em busca desse Brasil plural, meu Patrono, tal como Capistrano de Abreu, preferiu palmilhar territórios sertanejos na busca do entendimento do caráter não só do homem brasileiro mas, sobretudo, do tracejamento de um Brasil mais ampliado, formado por etnias diversas, por usos e costumes plurais, de religiões e modos de vida constituídos através de um processo muitas vezes calado pela maior parte da historiografia. Nessa busca, Sérgio Buarque de Holanda adentrou ao cenário mato-grossense, especialmente em duas de suas importantes obras: *Caminhos e Fronteiras* e *Monções*.

Filho de pai pernambucano e de mãe carioca, meu Patrono é paulistano de nascimento – 11 de julho de 1902 –, tendo vindo à luz numa casa do bairro da Liberdade, hoje coração da cidade de São Paulo. Sua formação intelectual foi primorosa. O primário, realizado numa das mais tradicionais escolas paulistas, a Escola Modelo Caetano de Campos, sendo que o ginásial e secundário no também tradicional Colégio São Bento.

Quando, em 1921, a sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, Sérgio Buarque ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, mais tarde, Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, bacharelando-se em 1925. Foi em pleno curso universitário que teve início sua carreira intelectual.

Leitor assíduo e inveterado, acostumava escrever, timidamente, as avaliações que fazia das leituras, de textos produzidos em tiras de papel. Uma delas despertou o interesse de seu eminente professor Afonso de E. Taunay que, após ler uma dessas tiras resolveu publicar seu conteúdo na imprensa, para espanto e surpresa de Sérgio Buarque. Daí para frente, após o aplauso do grande historiador passou a contribuir em diversos periódicos cariocas. Lembrou, Manuel Bandeira, um de seus amigos, que: *Nunca me esqueci de sua figura, certo dia, em pleno largo da Carioca, com um livro debaixo do braço, e no olho direito o monóculo que o obrigava a um ar de seriedade. Naquele tempo não fazia senão ler. Estava sempre com o nariz metido num livro ou numa revista – nos bondes, nos cafés, nas livrarias.*¹

Como um dos integrantes do grupo modernista, Sérgio Buarque de Holanda fundou, em parceria com seu grande amigo Prudente de Moraes Neto, a Revista *Estética*, periódico cujo nome foi uma sugestão de Graça Aranha. Antes, meu Patrono já escrevera junto à tradicional revista carioca *Klaxon*, de duração efêmera.

Em 1929 transferiu-se, a convite de Assis Chateaubriand, para a Europa, onde visitou a Alemanha, Rússia e Polônia, fixando residência em Berlim, onde estudou mais a fundo e na língua original, os escritos de Meinecke, Max Weber, Gundolf Kafka e Rilke. Foi colaborador, no país germânico, da Revista *Duco*, sendo que não deixou de ser correspondente em periódicos brasileiros, como no *Diário de S. Paulo*, *O Jornal* e da *Agência Internacional de Notícias*. Não somente atuou no campo literário e jornalístico, mas também chegou a traduzir alguns *scripts* de filmes famosos na época, dentre eles, destacamos *Anjo Azul*, estrelado por Marlene Dietrich. Em 1930 teve sob sua responsabilidade uma secção da revista *Brasilianische Rundschau*, editada pelo Conselho de Comércio Brasileiro de Hamburgo.

Voltando da Europa nos primeiros anos da década de 30, dedicou-se daí para frente aos estudos históricos e na área da ciência sociais. O fruto desse esforço foi a clássica obra *Raízes do Brasil* que, apesar de “superada” no momento de sua edição, segundo opinião do próprio autor, marcou indelevelmente a historiografia brasileira. Na opinião de José Honório Rodrigues, constituiu-se ela, ao lado de *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos*: *Obras definitivas no quadro da historiografia brasileira deste século pela marcada originalidade de pesquisa criadora dos fatos e pela força da análise integradora das conexões íntimas, estruturais e superestruturais e da seqüências dos períodos característicos.*²

¹ - NOGUEIRA, Arlinda Rocha. “Sérgio Buarque de Holanda, o homem”. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. p. 20.

² - RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. p. 27.

Foi nessa fase de amadurecimento intelectual, que Sérgio Buarque de Holanda casou-se com Maria Amélia Alvim, carioca de Niterói, com quem teve sete filhos: Heloísa (Miucha), Sérgio Filho, Álvaro, Chico, Maria do Carmo, Ana Maria e Maria Cristina. Educados numa ambiência intelectual, os sete filhos seguiram destinos diversos, porém, como dizia seu pai: *Mais do que ter filhos arquitetos ou professores, acho importante saber que cada um escolheu a atividade que mais lhe agrada, na qual pode, por isso mesmo, conseguir melhor desempenho. Do meu lado, fico até muito feliz ao ver alguns de meus filhos se fazendo ouvir por tão grande número de pessoas.* A essa última referência, Sérgio Buarque estava indicando o volumoso e arquetipo trabalho lítero-musical de seu genial filho Chico Buarque de Holanda, cujas composições são interpretadas com maestria por sua irmã Miucha.

Sérgio Buarque não foi autor de muitas obras, mas certamente, aquelas que produziu primaram-se pela maturidade intelectual e densidade literária e histórica. Vejamos suas produções em livro:

1936 – *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.

1944 – *Cobra de Vidro*. São Paulo, Martins.

1944 – *História do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.

1945 – *Monções*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil.

1957 – *Caminhos e Fronteira*. Rio de Janeiro, José Olympio. (Coleção Documentos Brasileiros, 89)

1958 – *Visão do Paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo. Tese apresentada na USP para concorrer à Cadeira de História da Civilização Brasileira da FFCL.

1972 – *O Brasil Monárquico*. São Paulo, DIFEL. (Coleção História da Civilização Brasileira, II)

1979 – *Tentativas de Mitologia*. São Paulo, Perspectiva. (Coleção Debates – Crítica).

1986 (após sua morte) – *O Extremo Oeste*. São Paulo Brasiliense/SEC.

A produção intelectual de maior volume foi aquela deixada em periódicos – jornais e revistas nacionais e internacionais. Um fator dignifica a obra de Sérgio Buarque de Holanda, o número de edições e de publicações no Brasil e no exterior. A exemplo, *Raízes do Brasil* foi editada 19 vezes no Brasil e uma na Espanha, outra na Itália e outra no Japão.

Uma das contribuições importantes de meu Patrono foi no campo das traduções, uma vez que ele, como bom poliglota, tinha facilidade e domínio perfeito de várias línguas. Insere-se nesse campo a significativa obra *Memórias de um colono no Brasil (1850)*, de autoria de Thomas Davatz, imigrante que deixou registrada, como uma das poucas falas dos colonos do século XIX, suas impressões e a vida difícil e violenta a que se submeteu o colono europeu.

Sérgio Buarque primou seu trabalho por buscar recuperar as “falas silenciadas”, os campos da historiografia até então nunca trilhados, o que faz do conjunto de suas obras um cadinho precioso da memória nacional. Foi o que aconteceu com *Monções*, peça preciosa da literatura histórica e básica para os estudos referentes ao movimento sertanista via Oeste brasileiro. Nela, Buarque de Holanda reconstitui o cotidiano e o imaginário dos monçoeiros do século XVIII que, adentrando-se ao sertão através da farta rede hidroviária, partia de Porto Feliz (SP) e atingia as famosas Minas do Cuiabá (MT). O estudo do bandeirismo paulista ganhou uma nova interpretação a partir dos escritos de Sérgio Buarque, uma vez que ele conseguiu, ao mesmo tempo, estudar um movimento mais geral de expansão de fronteira, inserindo o estudo do particular – os monçoeiros e as monções. Ao final dessa obra, que introduziu o vernáculo Monção, meu Patrono introduziu expressiva quantidade de fotos e desenhos de artefatos utilizados nas monções e na extração de minérios, assim como anexou um documento inédito, escrito pelo Pe. Siqueira num texto que avalia e descreve os processos rudimentares, sete e oitocentistas utilizados nas Minas Gerais, em Mato Grosso e em Goiás.

Caminhos e Fronteiras, dá o fecho ao estudo monçoeiro, pois reconstitui o cotidiano dos bandeirantes em suas lidas sertanistas, onde a figura do índio como mão de obra, revelou um lado que a historiografia omitia até então: o saber indígena:

Entre povos que ignoravam a palavra escrita, esses meios de comunicação assumem um significado comparável ao dos roteiros e a aranzéis, tão abundantemente empregados durante a colonização pelos brancos. Em lugar de ser simples escravo das suas aptidões naturais, dos cinco sentidos, que tinha excepcionalmente apurados, o índio tornava-se, assim, o senhor de um admirável instrumento para disciplinar metodicamente muitas daquelas aptidões: criar e recriar mil e um recursos adequados a cada situação nova, sujeitar-se, onde fossem necessários, a comportamentos que garantissem meios de subsistência. Dentro dos limites que lhe permitia sua técnica, dentro do sistema de avanços e recuos, de liberdade e submissões em que se agitava, também podia desenvolver ao máximo um poder inventivo orientado para o bem do grupo, como se deve esperar de homens para quem o viver era antes e acima de tudo um conviver.³

Sérgio Buarque, com essa obra, desmitifica a figura do bandeirante como a “raça de gigantes”, uma vez que demonstra o saber indígena como fundamental para o brilho da colonização branca no interior da fronteira oeste. Citemos alguns trechos onde nosso Patrono, trabalhando com a alteridade, consegue revelar uma faceta histórica oculta até então:

³ - HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*, p. 22

Aos sentidos exercitados pelo gênero de vida que levam, acrescenta-se neles, conforme já se notou acima, um sendo de orientação quase miraculoso. Disso há exemplo na extraordinária habilidade cartográfica de que frequentemente são dotados. Von den Steinen descreve-nos como um caçitão Saiuá desenhou na areia, para sua informação, parte do curso do Alto Xingu, com os numerosos afluentes e com indicação, além disso, de treze tribos ribeirinhas[...] Não é pois de admirar se de desenhos semelhantes houve quem dissesse que não são inferiores aos de cartógrafos europeus da Idade Média e em certos aspectos os ultrapassam[...] Assim, os saltos e as cachoeiras, que causam contratempos aos remadores, são indicados por meio de convenções; a extensão de cada afluente é, de certo modo, expressa na relação aproximada que guardam entre si do senhor; a forma de cada montanha aparece igualmente modelada na areia úmida. Até a maior ou a menor regularidade no curso de um rio encontra expressão nessa rústica geografia.

Mas não é esse aspecto da "cartografia" indígena o que mais importa. Ao lado do detalhe preciso ou pitoresco, exagerado aqui e ali pela surpresa, há em alguns desses desenhos indício de um aproveitamento rigoroso da experiência anterior, em esquemas onde tudo visa ao útil. Para tanto é indispensável a existência de uma verdadeira elaboração mental, de um poder de abstração, que não se concilia facilmente com certas generalizações ainda correntes acerca da "mentalidade primitiva".⁴

Uma outra importante contribuição de Buarque de Holanda foi, certamente, a desmitificação da imagem do bandeirante vestido de roupas de couro e botas. Para ele, o bandeirante, rústico, andava descalço: *Muito embora a documentação existente a respeito seja bastante falha, há mais de um motivo para supor-se que, nas longas jornadas, os bandeirantes e cabos de tropa andassem frequentemente descalços.*⁵

Outro aspecto de extrema relevância histórica diz respeito à sobrevivência das bandeiras e monções durante as penetrações sertanistas. Nessas ocasiões, os indígenas tornavam-se, pelo conhecimento que tinham do território que milernamente pertenciam, elementos indispensáveis aos sertanistas:

⁴ - Ibidem. p. 21-22.

⁵ - Ibidem. p. 24.

Precisamente a criação doméstica de abelhas, como a praticam hoje os Pareci e os Tereno, fornece-nos exemplo sugestivo da maneira pela qual as influências estranhas chegam a entrosar-se na tradição de um povo. [...] O sistema de criação de abelhas em cabaças facilmente transportáveis deveria, por todos os motivos, encontrar menor resistência. Não obstante o escasso rendimento que anuncia – seguramente mais escasso do que a exploração abelheira silvestres – tal sistema representa todavia um avanço sensível no processo de domesticação. Mais transigentes do que o gentio da terra mostraram-se muitos colonos brancos, adotando em larga escala os recursos e táticas indígenas de aproveitamento do mundo animal e vegetal para a aquisição de meios de subsistência.⁶

É mais propriamente no capítulo intitulado *Frotas de Comércio*, que Sérgio Buarque de Holanda adentra especificamente na História de Mato Grosso, quando pondera que: *O descobrimento do Coxipó-Mirim, que marca o ponto de partida para a história das monções, precedeu de alguns anos uma das grandes empresas bandeirantes, talvez a última grande empresa bandeirante, que foi a jornada aos Goiaes do segundo Anhangüera.⁷*

Para elaborar essa parte específica da obra, Sérgio Buarque de Holanda, cioso pesquisador, esteve em Cuiabá e foi no Arquivo Público de Mato Grosso, naquele tempo dirigido pela competente Vera Randazzo, que ele encontrou farta documentação capaz de calçar suas importante análise. O primeiro cronista das minas cuiabanas, José Barbosa de Sá foi, também, utilizado como importante fonte de consulta: *A regra geral exprimia-se antes no alvoroço que, segundo um cronista da época, despertou a notícia desse descobrimento, pois observa esse cronista – abalaram-se “muitas gentes, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos, botando-se para estes sertões como se fora o paraíso encoberto em que Deus pôs os nossos primeiros pais.⁸*

Ao findar a análise da saga bandeirante e indígena pela fronteira oeste, Buarque de Holanda considera que os dois sistemas monçoeiros – do sul, via Tietê, e o do norte, via Guaporé-Madeira-Amazonas, constituíram a maior rota integrativa nacional: *A função histórica dessa estrada de mais de dez mil quilômetros de comprimento, que abraça quase todo o Brasil, supera mesmo a de quaisquer linhas de circulação natural de nosso território, sem exclusão próprio São Francisco, por muitos denominado o “rio da unidade nacional”⁹*

⁶ - Ibidem. p. 63.

⁷ - Ibidem. p. 160.

⁸ - Ibidem. p. 165.

⁹ - Ibidem. p. 179.

Transitando do universo amplo e conjuntural da história ao específico e pontual, a produção historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda marca indelevelmente um avanço, seja no rigor metodológico, seja na forma da moderna narrativa.

Em *Raízes do Brasil*, buscou compreender a especificidade da cultura brasileira que, herdeira de um histórico processo europeu que teimava em manifestar-se no cenário tropical. Ao analisar esse descompasso e, como modernista, tentando recuperar sinais e signos distintivos da brasilidade, considerava:

*A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.*¹⁰

Obstinado em desvendar o lado típico do brasileiro, incitava os pesquisadores a uma investigação mais pontual, capaz de dar conta das especificidades e, através delas, conseguir construir uma identidade nacional:

A variedade de pontos de vista deveria ser documentada pelo historiador assim como a diversidade mutável dos interesses. Essa mesma variedade encerra para nós uma vantagem preciosa, servindo para dar realce aos problemas culturais, sociais e econômicos que ficariam obscurecidos em muitos pontos, se nos fossem propostos sob uma forma unilateral e incolor. Ela faz fixar melhor as divergências, medir, calcular seus motivos, ajudando a não aceitar sem críticas as opiniões parciais. É dessas opiniões que se faz a história em grande parte e a história do Brasil em quase tudo. Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes

¹⁰ - HOLANDA, Sérgio Buarque de - *Raízes do Brasil*, p. 3.

*mais interessantes e mais importantes que os outros, os que apenas escrevem a História.*¹¹

Muitos analistas da historiografia concebem que Sérgio Buarque de Holanda, antes mesmo da corrente francesa intitulada História Nova, teria inaugurado uma *Histoire de la mentalité*. Ronaldo Vainfas, no entanto, refuta essa assertiva, considerando que:

*Teria sido Sérgio Buarque, então, apesar de meus reparos iniciais, nosso historiador das mentalidades avant la lettre? Francamente, por tudo o que tentei expor até aqui, e o fiz com grande dificuldade, continuo a dizer que não. Com alguma pertinácia e boa dose de ceticismo, creio ser difícil classificar Sérgio Buarque, seja como historiador das mentalidades (porque muita coisa o afasta das "mentalités" francesas), seja somente como historiador das idéias, porque sua obra conjunta verticalizou, como em "Caminhos e Fronteiras", por exemplo, a história da cultura material e dos hibridismos culturais concretamente vivenciados, e não apenas narrados ou sonhados. Sérgio Buarque fazia simplesmente história e o fazia de forma rebelde, a desafiar os caminhos, qualquer caminho.*¹²

A produção histórica de Sérgio Buarque de Holanda representa um marco na historiografia brasileira pois, unindo harmoniosamente visão totalizante e micro, consegue oferecer aos leitores uma narrativa híbrida que, liberta das tradicionais "camisas de força", persegue, acima de tudo, recuperar e construir uma história plural que abraça, fraternal e democraticamente, os diversos segmentos que, como sujeitos únicos, construíram a História do Brasil.

Concluamos com uma citação que reflete a esperança de que o autor era possuído:

*Teremos também os nossos eldorados. Os das minas, certamente, mas ainda o do açúcar, o do tabaco, de tantos outros gêneros agrícolas, que se tiram da terra fértil, enquanto fértil, como o ouro se extrai, até esgotar-se no cascalho, sem retribuição de benefícios. A procissão dos milagres há de continuar assim através de todo o período colonial, e não a interromperá a Independência, sequer, ou a República.*¹³

¹¹ - HOLANDA, Sérgio Buarque. Introdução às memórias de Thomas Davatz. In: DIAS, Maria Odila Leite da Silva (org.)-

¹² - VAINFAS, Ronaldo. "Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais". In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. p. 57.

¹³ - HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. p. 323.

BIBLIOGRAFIA

- BLAJ, Ilana. "Sérgio Buarque de Holanda: historiador da cultura material". In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 29-48.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: SÉRGIO Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo, SEC/USP-IEB, 1988. p. 27-54.
- CÂNDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 81-88.
- DAVATZ, , Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. Tradução e Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte-São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda". In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 11-28.
- . *Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In: SÉRGIO Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo, SEC/USP-IEB, 1988. p. 73-82.
- DULCI, Luiz. "Sérgio Buarque de Holanda petista". In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 89-100.
- FAORO, Raymundo. "Sérgio Buarque de Holanda: analista das instituições brasileiras". In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 59-70.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. São Paulo Brasiliense/SEC, 1986.
- . *Monções*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- . *Raízes do Brasil*. 20ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Sérgio Buarque de Holanda: o homem*. In: SÉRGIO Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo, SEC/USP-IEB, 1988. p.17-26.
- PRADO, Antonio Arnoni. "Raízes do Brasil e o modernismo". In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 71-80.
- VAINFAS, Ronaldo. "Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais". In: CÂNDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 49-58.
- WITTER, José Sebastião. *Sérgio Buarque de Holanda: o professor*. In: SÉRGIO Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo, SEC/USP-IEB, 1988. p. 55-60.